

10-2017

A salada fria

Paulo Vaz

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Vaz, P. (2017). A salada fria. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/49>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Sabes, Zelito? A tua marca mais indelével que perdurará para sempre na minha vida deixaste-a quando, tendo eu feito a escolha de um estado de vida diferente, tu foste capaz de não olhar para o lado, nem de lado, e frequentar a casa da família que eu constituíra.

Obrigado por não me teres faltado! Como sempre.

E por aqui me despeço, que as cartas não se querem longas.

Até sempre, amigo. Vela sempre por nós!

A SALADA FRIA

PAULO VAZ

1º Presidente dos Jovens Sem Fronteiras

— Porque é que não fazemos uma salada fria?

Estávamos em agosto de 1990, na Semana Missionária dos JSF aquartelada em Caravela (Trás-os-Montes). Naquele último dia da atividade, a distribuição rotativa dos encargos emparelhara-me com o Pe. Zé Manel nas tarefas de cozinha. Abrimos o frigorífico e contemplámos as sobras das esmeradas refeições preparadas pelas equipas de todos os dias anteriores. E logo a rápida voz do Pe. Zé Manel dissolveu a minha hesitação perante a miragem do desperdício daquelas suculentas vitualhas:

— Porque é que não fazemos uma salada fria?

Prontamente nos lançámos à urgência do aproveitamento, com o espírito missionário de nada perder dos recursos disponíveis. Juntámos massa guisada, farripas de couves e algumas batatas cozidas, carnes diversas (creio que peixe também...) e salsichas enlatadas. E os ovos que cozemos e tomate cortado em gomos. E ainda houve tempo para aproveitar o leite que havia na confeção de um pudim instantâneo, remate de apazível doçura para aquele inesquecível repasto de diversidade e comunhão, corolário e encerramento daquela Semana Missionária.

Fazer a salada fria não foi mais fácil ou difícil do que seria qualquer outra sofisticada ementa. Mas foi um ato de imaginação e sustentabilidade que me ensinou o inquestionável valor de tudo o que existe, o novo significado que se pode dar ao que já parece inútil ou perdido, a forma como se pode sempre fazer novidade, como se pode construir presente com os despojos do passado. Foi uma lição missionária, das muitas que recebi do Pe. Zé Manel.

Muitas outras histórias poderia contar. Tanto, que quase parece irrisório (ou indigno) recordá-lo neste tão prosaico episódio. Porém, ele ilustra a grandeza de um homem que punha todo o sentido da sua vida e o pleno louvor da sua alma na simplicidade (e ironia) do mais pequeno dos seus atos. E assim tornava inesquecível e precioso (e profético!) tudo o que fazia. Nem que fosse uma salada fria.

Obrigado, Pe. Zé Manel!

“DEUS CEDO CHAMA AQUELES A QUEM AMA”

LAURA BORGES

Vice-Presidente da LIAM

Conhecemo-nos no Verão de 1981. Foi durante uma “Experiência Missionária” em que o Pe. Zé Manel com o grupo de seminaristas fazia uma experiência de trabalho, durante o dia, no complexo agro-industrial no Cachão, Trás-os-Montes. Ao final do dia, e da semana, faziam Animação Missionária nas Paróquias vizinhas. Eu fazia parte do grupo de jovens da terra. Não ficámos logo amigos...! Ficaram as interpelações, as marcas do seu sorriso, da sua alegria, simplicidade, fé e principalmente a sua paixão pela missão.

Os anos passam... fica o seu testemunho de fé e entusiasmo na missão. É a maior referência de Missionário/Liamista em Trás-os-Montes. “Nós temos tanto para estar agradecidos”

A sorte de “sentir o pulsar da missão através de ti”.

Sinto-me uma sortuda! Entre tantas pessoas no mundo, “fui escolhida” para ser sua irmã/ irmã de coração. Hoje, não está mais entre nós, mas guardo, as partilhas, o sorriso, o jeito leve de encarar a vida...colocando tudo nas mãos de Deus. Tudo está guardado na mente e no coração e será levado comigo para o resto da minha vida, até ao dia de nos encontrarmos novamente. Ele está nas mãos de Deus. E eu? Eu também.

Se antes era, como missionário, testemunha para os outros nos diversos países onde trabalhou, foi na sua situação de doença, ainda mais especial para todos. Numa das visitas ao hospital disse-lhe: “O homem da palavra és tu e a força és tu que a transmites aos outros por isso ficamos sempre sem saber o que te dizer embora a cada sorriso teu respondemos igualmente com um nosso mesmo que seja carregado de dor. És sem dúvida uma referência e uma esperan-